

mercado

Guilherme Leal Investidor internacional não quer vir para o Brasil por questões ambientais

Com seus negócios ameaçados, empresários atuam pela primeira vez para tentar conter danos à imagem do país, diz cofundador da Natura

ENTREVISTA

Bruna Narcizo

SÃO PAULO Um dos primeiros empresários brasileiros a defender e a implantar uma agenda ambientalmente correta, Guilherme Leal, cofundador da Natura e copresidente do conselho de administração da empresa, está preocupado com o Brasil. Conta que a imagem do país no exterior está em franca deterioração em diferentes frentes, especialmente na questão ambiental, e já representa uma ameaça para negócios e investimentos no Brasil.

“Investidores internacionais estão dizendo que não querem vir para cá por causa das questões ambientais. Parceiros comerciais estão com uma série de ruídos. E existe um risco de isso chegar a consumidores, e aí não tem quem controle.”

Segundo Leal, a resposta do governo de Jair Bolsonaro para o desmatamento da Amazônia, alvo das maiores críticas internacionais, tem ficado abaixo das expectativas. Como exemplo, cita a resposta dada ao manifesto que empresários entregaram ao vice-presidente Hamilton Mourão.

“As realizações estão deixando muito a dever. Se algo foi feito, tudo indica que é insuficiente para enfrentar o problema mais imediato, que é o desmatamento ilegal”, diz.

No que se refere à pandemia, Leal qualifica como “indecente” que empresas possam vacinar funcionários quando faltam vacinas para a população. Candidato a vice-presidente na chapa de Marina Silva, pelo Partido Verde, durante campanha presidencial de 2010, ele recomenda cautela aos empresários que buscam uma terceira via para a campanha de 2022. “Se for uma terceira via da elites, do pibão, vai tomar de lavada nas urnas.”

*

Pelas críticas que ouvimos, a imagem do Brasil no exterior não é boa. Qual é a sua percepção? As pessoas tentam ser educadas, mas há um espanto e uma frustração com o Brasil. Juntando questões relacionadas com pandemia, as econômicas e a ambiental, nessas três pautas, o Brasil não está nada bem. Também chamam a atenção questões como democracia e diplomacia.

O Brasil tinha uma reputação de país amigável, pacífico, um ator de colaboração no cenário mundial, com uma diplomacia de excelente qualidade. No governo Fernando Henrique Cardoso e no primeiro mandato de Lula, parecia que o Brasil ia decolar. Eu, como liderança empresarial, sempre senti uma simpatia, uma boa vontade, quase que uma torcida: o Brasil era visto como liderança, o país do futuro que nunca chega, mas o país do futuro.

Está perdendo tudo isso. Na América Latina, onde sempre foi visto com uma referência, está perdendo o protagonismo. Na questão ambiental, a Colômbia está assumindo es-



Adriano Vizoni/Folhapress

Guilherme Leal, 71

é cofundador e copresidente do conselho de administração da Natura & Co. Também é cofundador da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura e da Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (Raps). Foi candidato a vice-presidente na chapa de Marina Silva, em 2010

sa posição. A perda do capital reputacional é grande e difícil de ser mensurada. Tudo isso provoca uma erosão da imagem do país e da nossa capacidade enquanto sociedade. Temos que desenvolver esforços para que isso melhore.

Existe algum movimento para tentar descolar a imagem do governo brasileiro da imagem de empresários e empresas? Não sei se descolar é o melhor termo. O governo brasileiro é o governo eleito, limitado pelos outros Poderes, e a sociedade é mais ampla e complexa do que o governo.

Acho, sim, importante que lideranças empresariais, sociais e culturais possam falar como veem a questão climática, seus desafios e oportunidades, por exemplo.

Governos vêm e vão, e a sociedade fica. O Brasil precisa olhar para a frente e dizer o que quer fazer. A agenda climática está aí. Existem conversas e pontes sendo criadas? Sim. Não é contra governo nenhum, mas a favor das sociedades dialogarem mais. Os EUA e o Brasil são as duas maiores nações da América, é necessário que tenhamos diálogos mais ricos, não apenas o oficial.

Que tipo de diálogos? A concertação pela Amazônia é um processo de estímulo ao diálogo que reúne lideranças empresariais e políticas. Há mais de ano que a gente conversa. Temos diálogo. No Brasil e fora. E os investidores internacionais estão dizendo que não querem vir para cá por causa das questões ambientais. Parceiros comerciais estão com uma série de ruídos. E existe um risco de isso chegar a consumidores, e aí não tem quem controle. Isso preocupa, obviamente, a todas as lideranças empresariais ligadas a diferentes setores de negócio, porque precisamos mudar essa direção.

O mundo articulado está dizendo que é para valer [a agenda climática], e o Brasil, que tem protagonismo desde sempre, está na contramão da história. É importante que as lideranças se manifestem, o Brasil não é só governo. Tem governo. Democracia é diálogo.

É a primeira vez que existe a necessidade de uma interferência extragovernamental nesse tema? É a primeira vez que isso acontece como contenção de danos, como um momento em que negócios e investimentos estão ameaçados. Mas a gente tem um débito histórico e, em parte, se dá por falta de uma participação e discussão. Defendo que empresário é cidadão e que a democracia se constrói com participação.

No caso da Amazônia, sabemos como reduzir o desmatamento, mas não sabemos como desenvolvê-la de maneira sustentável, levando prosperidade, reduzindo desigualdades. Isso é uma agenda da sociedade. Nunca como hoje foi tão necessário participar, mas essa participação faz falta há muito tempo. Nunca foi tão importante ter uma articulação entre diferentes grupos, para proteger minimamente e tentar construir pontes e soluções, que impeçam essa imagem tão deteriorada que o Brasil tem neste momento. Os seus negócios podem pagar um preço por isso.

O governo costuma se defender ao dizer que a questão do desmonte ambiental na Amazônia é mais discurso. Concorde com a afirmação? Não se trata de discurso olhar 4.000 km² de desmatamento indo para 8.000 km², 10.000 km² por ano. Isso não é discurso, é dado real. Não tem como contestar.

No ano passado, os empresários lançaram um manifesto e o enviaram ao vice-presidente Hamilton Mourão. Como ficaram as medidas prometidas pelo governo? As realizações estão deixando muito a dever. Se algo foi feito, tudo indica que é insuficiente para en-



O mundo articulado está dizendo que é para valer [a agenda climática], e o Brasil está na contramão da história

frentar o problema mais imediato, que é o desmatamento ilegal. O governo brasileiro está devendo. Há uma série de evidências, como o desaparelhamento das instituições de controle, menor orçamento dos últimos 15 anos, e tantas outras coisas que sabemos. Sem contar os índices, que continuam a subir em cima de dois anos que já foram muito negativos.

O governo de Joe Biden pode mudar tudo isso? A mudança na administração americana fez com que os três maiores blocos, União Europeia, China e EUA, estejam agora avançando nos seus compromissos com a agenda climática. Se o Brasil quiser persistir numa política de isolacionismo, não terá nada a ganhar. Tem que construir compromissos que o insiram nessa agenda.

Não é só pedir dinheiro para combater o desmatamento. Sabemos como fazer isso e já fizemos com recursos próprios, mas temos muito mais investimentos a atrair ao longo de uma década em infraestrutura, ciência e tecnologia.

Como o Brasil está lidando com a pandemia, na sua avaliação? Há uma série de agendas, que não estão diretamente conectadas, que ficam andando de lado hoje no país. A agenda econômica, por exemplo, está à deriva. Mas a verdade é que a pandemia precisa de uma atenção central. Porque a pandemia é dramática. Morrem 4.000 por dia. Isso a impõe como agenda central. Nada é mais importante.

Uma observação que eu faria, para não ficar do lado muito deprê, é que, de fato, testemunho neste momento uma articulação de lideranças sociais, empresariais e culturais de uma maneira ampla, que eu não via havia muito tempo. Não é contra o governo. É uma articulação para dizer que é comigo o problema. Isso é crescente e positivo. Não vejo outra forma de construir transformações efetivas sem isso. A sociedade está polarizada, mas mais e mais está tentando refletir sobre caminhos.

Qual sua posição sobre compra de vacinas pelo setor privado? Acho um absurdo furar fila porque a empresa é mais ou menos poderosa em relação a outras tantas empresas que não fazem isso. Não faz sentido nenhum. Depois que tiver vacina sobrando no mundo, é bem-vindo. E os empresários podem tentar desfazer o nó aqui ou ali. Agora, o empresário ter o direito de vacinar colaboradores e a família, isso eu acho indecente.

Existe um grupo de grandes empresários se unindo para tentar uma terceira via com relação a Lula e Bolsonaro em 2022. Concorde com isso? Se for uma terceira via da elites, do pibão, vai tomar de lavada nas urnas. Não é brincadeira. O Brasil tem que se conhecer mais, e as próprias elites têm que se conhecer mais —mas acho que estão conscientes disso.